



RESUMO DA SEMANA - 28/01 a 01/02

O segmento local foi bastante influenciado por dois eventos. De um lado, os ajustes ocorridos com a ação da Vale afetada pela tragédia de Brumadinho. De outro, o desempenho da Petrobras e ações do setor bancário. No ambiente externo, marcaram presença as discussões sobre o Brexit (tema recorrente), e a decisão do FED sobre política monetária e postura do presidente, Jerome Powell.

Coadjuvante no processo, atuaram os temores de desaceleração econômica global a partir da China e a retomada de discussões sobre comércio entre China e EUA, além da safra de balanços do 4º trimestre de empresas importantes.

No cenário local, permeando os acontecimentos, as reformas necessárias (especialmente Previdência e fiscal), declarações sobre privatizações e expectativa do início dos trabalhos do novo Congresso Nacional. E a eleição dos presidentes das duas casas.

No exterior, o presidente dos Estados Unidos Donald Trump destravou parte do governo por três semanas, mas não abdicou da construção do muro na fronteira com o México. Trump diz que pode voltar a paralisar e que o custo da imigração ilegal já atinge US\$ 18 bilhões. Ao longo da semana, tivemos muitas declarações de assessores de Trump sobre China e economia.

Kudlow e Steve Mnuchin destacaram que a economia americana segue forte e rodando ainda em crescimento de 3,0%, e sem pressão inflacionária. Trump falando sobre negociações com a China disse que ambos os países estão otimistas com um acordo, mas que nada será fechado até que ele e Xi Jinping se encontrem. Mexeu bastante ainda com os mercados, a decisão do FED sobre política monetária, notadamente câmbio. O FED decidiu manter a taxa de juros estabilizada no patamar entre 2,25% e 2,50%, e no comunicado identificou que a economia segue sólida e sustentável, o emprego fortalecendo, gastos das famílias em elevação. E inflação absolutamente controlada, até em horizonte de médio e longo prazo.

Seguinte ao comunicado “dovish” do FED, tivemos coletiva com o presidente Jerome Powell que foi ainda mais suave em suas declarações sobre elevação dos juros no futuro, mas ressaltando que existem incertezas com relação à China e economia global desacelerando mais rápido que o previsto. Disso derivou a leitura dos investidores de que pode até não haver alta de juros em 2019 pelo FED, e que também vão atuar com maior parcimônia em reduzir o tamanho do balanço patrimonial do banco central. O fato enfraqueceu o dólar no mercado frente outras moedas afetando o equilíbrio local. Powell declarou ainda que o orçamento americano é insustentável e precisa ser revisto.

Outro ponto considerado pelos investidores, foi a votação do Brexit pelo parlamento britânico e o aval dado para que Theresa May voltasse a negociar alguns termos com a União Europeia.

Porém, dirigentes da União Europeia como Barnier e Jean Claude Juncker voltaram a afirmar em seguida que não existe a possibilidade de renegociação. Ainda que alguns países estejam mais sensíveis. Apesar disso, poucos são os que acreditam em um Brexit duro e sem acordo algum. Em termos de indicadores de conjuntura, exceto por alguns da Alemanha, no geral foram positivos, assim como resultados de empresas como Facebook, Apple, Boeing e outras; anunciados durante a semana.

O índice ISM da atividade de Chicago subiu para 0,27 ponto, de anterior em 0,21 ponto. O da atividade industrial de Dallas em alta para 14,5 pontos em janeiro, vindo de 7,3 pontos. Porém, instituições financeiras e o próprio escritórios do orçamento do Congresso reduziram suas projeções de crescimento da economia americana em 2019. A criação de vagas nos EUA em janeiro atingiu 304.000 posições (previsão de 170.000) com a taxa de desemprego subindo para 4,0%. Investimentos em construção cresceram em novembro 0,8% e a confiança do consumidor de janeiro caiu para 91,2 pontos.

A semana foi marcada pela divulgação do PIB da zona do euro em 0,2% no quarto trimestre e 1,8% em 2018. Na Espanha, o PIB cresceu 0,7% no quarto trimestre e 3,5% em 2018. E na Itália, o quarto trimestre mostrou retração de 0,2%. Na Alemanha, dados mistos com vendas no varejo encolhendo 4,3% em dezembro, de previsão de -0,6% e a confiança do consumidor GFK de fevereiro mostrou alta para 10,8 pontos de previsão de 10,3 pontos.

Na China, o lucro industrial caiu 1,9% para US\$ 100,9 bilhões, pelo segundo mês seguido em dezembro reforçando a percepção de desaceleração. O governo divulgou detalhes de como estimular o consumo doméstico com vendas de automóveis para zona rural e subsídio para troca de eletrodomésticos. O PMI industrial de janeiro caiu para 48,3 pontos, mostrando contração da atividade.

No cenário doméstico, o presidente Bolsonaro foi operado para reverter colostomia. A operação foi bem sucedida e em 48 horas reassumiu o governo a partir do hospital. Os problemas com seu filho e senador seguiram sem solução e explicação. Marco Aurélio rejeitou o processo e mandou de volta para primeira instância. Tivemos ainda posicionamentos de seus secretários de Previdência e Desestatização. Marinho expôs o projeto de reforma da Previdência para governadores, tendo recebido adesão explícita de alguns como João Dória. Na Desestatização, Salim Mattar declarou que quer ficar somente com Petrobras, Caixa e BB; e todo o resto é vendável. Espera conseguir bem mais que os US\$ 20 bilhões de Paulo Guedes. Mas não exclui reformas.

O tema da semana foi a tragédia de Brumadinho com instalações da Vale, com muitos mortos, bloqueio de bens pela justiça, que até o momento é de de R\$ 13 bilhões. E a decisão da empresa em boa reação de descomissionar barragens em Minas à montante. A Fitch rebaixou a empresa para BBB- e outros gestores fizeram o mesmo. Na sessão de 28 de janeiro, suas ações desvalorizaram 24,5%, e depois recuperaram um pouco. Porém, ainda existem muitos efeitos a serem dimensionados em termos de endurecimento do marco regulatório, indenizações, ações coletivas, danos de imagem da companhia; e até em termos de nossas exportações de minério.

Em termos de indicadores, o IGP-M fechado de janeiro em alta de 0,01% e em 12 meses com +6,74%. Os investimentos diretos no país (IDP) de 2018 foi de US\$ 88,3 bilhões, 4,7% do PIB e o maior desde 2011. O déficit em conta corrente foi de US\$ 14,5 bilhões, amplamente coberto (6x) pelo IDP. A dívida pública federal fechou 2018 em R\$ 3,88 trilhões (+1,32% em dezembro) e os estrangeiros reduziram a participação para 11,2%. O saldo da balança comercial até a quarta semana de janeiro mostrava superávit de US\$ 2,14 bilhões.

O volume de crédito ao final do ano estava em R\$ 3,26 bilhões, representando 47,4% do PIB e maior desde 2015, com a inadimplência em queda para 3,8% no crédito livre. Dados da PNAD contínua do trimestre encerrado em dezembro mostraram desemprego em 11,6% e na média do ano de 12,3%, mas com baixa qualidade do emprego. Somos 12,2 milhões de desempregados e a população inativa atingiu 65,4 milhões de pessoas, com 4,7 milhões de desalentados. O IBGE anunciou a produção industrial de dezembro em +0,2% e crescendo no ano 1,1%. A recuperação está lenta e perdendo tração.

RESUMO DA SEMANA

IBOVESPA +0,19 (97.861 pontos)

DOW JONES +1,03

NASDAQ +1,21

DÓLAR R\$ 3,66 (-2,79%)

PERSPECTIVAS

Terminamos o mês de janeiro com a Bovespa mostrando bom desempenho e valorização na casa de 10.8%, o que certamente é bastante positivo, principalmente se considerados os percalços internos e estresse no segmento internacional. Só lembrando, governo com fraca ação no mês, Brumadinho e lenta recuperação da economia. No exterior, problemas com o Brexit, disputas comerciais EUA e China e desaceleração econômica global.

A percepção de que o FED será mais suave, pelo menos durante o primeiro semestre de 2019, em elevar juros básicos e reduzir o tamanho de seu balanço patrimonial, permitem a leitura que os investidores terão que assumir parcela de risco em suas aplicações para garantir melhores retornos, e países emergentes terão mais tempo para adequarem seus déficits fiscais e reestruturar suas economias.

Assim, mantemos o otimismo para o mês de fevereiro, partindo do pressuposto que o Brexit terá algum acordo de saída e as negociações sino-americanas terão bom desfecho, apesar de alongar discussões até possivelmente março. Trump disse que acordo nenhum sairá até que encontre Xi Jinping.

O governo de Bolsonaro poderá trabalhar melhor, agora que o Congresso saiu do recesso e os presidentes das duas casas já estarão escolhidos. As decisões que dependem do Congresso poderão tramitar, e as infraconstitucionais o governo poderá acelerar.

Os agentes do mercado torcem para que a Bovespa atravesse definitivamente o patamar de 100 mil pontos do índice, e isso pode acontecer no curtíssimo prazo desde que os investidores estrangeiros retornem com recursos e a credibilidade do governo em fazer reformas siga forte. Nosso objetivo primeiro está em 105.000 pontos.

Advertências: Declaramos que o **Portal Acionista.com.br** não se responsabiliza pelas informações divulgadas neste site, tanto referente às matérias de produção própria, quanto matérias ou análises produzidas por terceiros ou reproduzidas de links autorizados, publicados nas nossas páginas a partir de uma seleção criteriosa, porém sem garantir sua integridade e exatidão.

Informamos, ainda, que o Acionista.com.br não faz qualquer recomendação de investimento e que, portanto, não se responsabiliza por perdas, danos, custos e lucros cessantes decorrentes de operações financeiras de qualquer tipo, enfatizando que as decisões sobre investimentos são pessoais.